

# PRAGMÁTICA E ANÁLISE DO DISCURSO

II Semestre – Introdução 17/03/2020  
Lingua e Tradução Portuguesa e Brasileira – III ano

**Prof.a Sonia Netto Salomão**

## PRAGMÁTICA E ANÁLISE DO DISCURSO

A pragmática estuda os significados linguísticos determinados não só pela semântica proposicional ou frásica como também pela dedução a partir de um contexto extralinguístico, discursivo, situacional, social, aliado à intenção comunicativa dos interlocutores. Ao contrário da semântica que não depende de informações contextuais para a interpretação do significado, para a pragmática os fatores contextuais são decisivos para a produção e a transmissão de significados. Portanto, além dos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que se concentram sobre o estudo formal da língua, a pragmática leva em consideração o que é dito, o modo como é dito, a intenção com que é dito, o posicionamento físico, os papéis sociais, as identidades, as atitudes, os comportamentos e as crenças dos interlocutores, assim como a interrelação entre eles.

[...] a pragmática encara as línguas como instrumentos de ação e de comportamento, também eles regidos por regras, dando simultaneamente conta da relação existente entre as línguas enquanto sistemas formais e a sua atualização em situações de uso. (Gouveia, 1996, pp. 383-384)

A pragmática linguística, após um percurso que nos leva de Charles Peirce a Wittgenstein, desenvolve-se na década de 1970 com três estudiosos, principalmente: John Austin, no seu *How to do things with words?* (1962), propõe as noções de força performativa; John Searle nos seus *Speech Acts* (1969), a teoria dos atos da fala e Paul Grice, em *Utterer's meaning and intentions* (1969), a distinção entre “o que é dito” e “o que é significado”.

Em 1967 alunos de Austin lançam o Modern Language Project que está na base dos chamados níveis limiares, (threshold levels), do Quadro Comum Europeu de Referências para as Línguas: aprendizagem, ensino e

avaliação, do nível A1 ao C2. O quadro parte do princípio que seja possível estabelecer níveis de competência comunicativa homogêneos entre as várias línguas da União Europeia. Conceito, aliás, que se desenvolve a partir da sociolinguística de base americana, sintetizada por Fishman na regra dos quatro “quês”: quem fala, que linguagem, para quem e quando.

A pragmática linguística (“pragmatics”) ganha cada vez mais terreno, com incursão na área de outras disciplinas, como a sociologia, a antropologia, a psicologia, e a própria filosofia da linguagem. Na realidade, estudar linguística aplicada é estudar, de forma relativamente difusa: semiótica, pragmática, análise do discurso, sociolinguística, psicologia linguística, antropologia linguística e mesmo filosofia linguística.

Vamos estudar neste curso, predominantemente, a Pragmática oriunda dos estudos de Peirce: a pragmática conversacional (Grice); a Pragmática locucional (Austin e Searle) e a semântica da conversação (Ducrot).

Os Fatores Pragmáticos envolvem a produção de sentido dos processos comunicativos classificados em:

- Situacionalidade: a situação comunicativa, o contexto em que se desenvolve a interação.
- Ex: Na sala de espera de um consultório, uma paciente diz à assistente de seu médico:  
– Que calor, heim?

A assistente pode simplesmente responder “- Pois é”, ou pode oferecer-se para aumentar o ar condicionado ou a abrir a janela.

- Intencionalidade: as intenções comunicativas de quem produz a mensagem, ou seja, o emissor (locutor).

De acordo com a possibilidade da primeira resposta, o primeiro interlocutor poderá insistir, perguntado, diretamente, se não é possível aumentar o ar condicionado ou abrir a janela. Neste caso, a assistente do médico poderá responder:

“- Peço-lhe desculpas. Não havia entendido a sua pergunta”.

- Aceitabilidade: envolve o esforço do interlocutor (receptor) em compreender a mensagem produzida pelo locutor (emissor).

Quando há um esforço para se compreender a mensagem, a resposta à primeira pergunta, seria do tipo:

“- Vou aumentar o ar condicionado.” Ou então: “- Infelizmente o ar condicionado está na sua potência máxima. Acho melhor abrir a janela.”

- Informatividade: envolve as informações da mensagem emitidas pelo locutor.

Sempre no contexto situacional em que estamos trabalhando, a explicação da assistente, na segunda resposta, contém uma informação útil para se entender o calor na sala de espera:

“- Infelizmente o ar condicionado está na sua potência máxima. Acho melhor abrir a janela.”

Intertextualidade, quando há referência a outros textos ( numa perspectiva ampla, semiótica).

«- Siamo tutti italiani», diz Ursula von der Leyen, Presidente da Comissão Europeia. A mesma frase foi pronunciada por Kennedy em alemão, diante do muro de Berlim.

«-Ich bin ein Berliner». A frase é pronunciada num momento difícil em que a Presidente do Banco Central Europeu, Cristine Lagarde, demonstrara pouca solidariedade com a Itália, provocando a queda da bolsa de valores e a ira dos políticos.

A Pragmática deve explicar como os falantes são capazes de entender não literalmente uma dada expressão, como podem compreender mais do que as expressões significam e por que um falante prefere dizer alguma coisa de maneira indireta e não de maneira direta. Em outras palavras, a Pragmática deve mostrar como se fazem inferências necessárias para se chegar ao sentido dos enunciados. Há duas distinções fundamentais em Pragmática: *significação* versus *sentido* e *frase* versus *enunciado*. A frase é um fato linguístico caracterizado por uma estrutura sintática e uma significação calculada com base na significação das palavras que a compõem, enquanto o enunciado é uma frase a que se acrescentam as informações retiradas da situação em que é enunciada, em que é produzida. A mesma frase pode estar vinculada a diferentes enunciados.

Ex: a) *A mesa fez aprovar a moção* e b) *A mesa está posta para o almoço*. (Gouveia, 1995:384)

c) - *O Chico Buarque é seu filho? Não, eu é que sou seu pai*.

As trocas conversacionais que fazemos no nosso quotidiano regem-se pelo Princípio de Cooperação e por outros princípios de comportamento linguístico, que com ele se relacionam, correspondentes às máximas conversacionais, descritas por Grice (1975). No entanto, as máximas de conversação, mais do que regras de comportamento, são princípios de interpretação, baseados nas intenções atribuídas na pressuposição da sua exploração, o que acontece quando o locutor viola de forma evidente uma das máximas (Reboul & Moeschler, 1998: 7). A eficácia da comunicação resulta da exploração destas máximas e a sua violação em contexto origina a mentira, o sarcasmo ou a ironia do locutor. O entendimento ou o desentendimento que ocorre nas trocas conversacionais depende do uso do Princípio de Cooperação e das máximas conversacionais, ou da sua infração (Mendes e Barbeiro, 2017: 23, adaptado)

## O PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO DE PAUL GRICE

Logic and Conversation, Paul Grice(1975) : quantidade, qualidade, relação e modo. Um conceito de grande pertinência operatória é o conceito de implicatura, proposto pelo autor. Grice divide as implicaturas em duas classes: as implicaturas convencionais e as implicaturas conversacionais. As primeiras representam custos moderados de processamento lógico (inferência), as segundas podem requerer um esforço considerável de processamento, sem garantia de obtenção da informação desejada, e podendo ser posteriormente canceladas, irresponsabilizando o interlocutor que a introduziu. Certas insinuações, com consequências positivas ou destrutivas, recorrem a esta forma de “notação invisível”:

**Quantidade:** Tornar a contribuição tão informativa quanto é requerido para o propósito da troca, evitando o excesso de informação

**Qualidade:** A contribuição deve ser verdadeira, evitando-se a falsidade ou a falta de dados adequados

**Relação:** A contribuição deve ser relevante

**Modo:** Deve-se evitar expressões obscuras, ambíguas, prolixas e não metódicas.

## Atos ilocutórios assertivos.

Os atos ilocutórios assertivos têm, como objetivo ilocutório, relacionar o locutor com o valor de verdade da proposição expressa pelo enunciado.

EX.:

É este o último de quinze dias contínuos, em que todas as igrejas desta Metrópole, a esse mesmo trono de vossa patente Majestade, têm representado suas deprecações. (Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda)

## Atos ilocutórios diretivos

Os atos ilocutórios diretivos têm, como objetivo ilocutório, tentar que o alocutário realize futuramente uma ação, verbal ou não verbal, que reflita o reconhecimento, por parte desse mesmo alocutário, do conteúdo proposicional do enunciado proferido pelo locutor. Como observa Casanova (1996), há um traço que distingue os atos ilocutórios diretivos: a coercividade. O«[...] não cumprimento de uma ordem (legítima) é sancionável, a não satisfação de um desejo não o é» (p. 430). Por outras palavras, «a ordem é para ser cumprida o desejo é para ser satisfeito», (p. 431).

Exemplos.:

1. «Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles». (Sermão de Santo Antônio aos peixes, Parte I)
2. «Louvai a Deus, porque vos criou em tanto número. Louvai a Deus, que vos distinguiu em tantas espécies; louvai a Deus, que vos vestiu de tanta variedade e formosura; [...]» (Sermão de Santo Antônio aos peixes, Parte VI)

## Atos ilocutórios compromissivos

O objetivo ilocutório dos atos compromissivos é comprometer o locutor no desenrolar futuro de uma ação expressa no conteúdo proposicional do enunciado. Como exemplos de atos ilocutórios compromissivos, podemos referir a promessa, o juramento, a ameaça. Podemos sublinhar, com Gouveia (1996), que o ato compromissivo institui o locutor como a entidade controladora do estado de coisas futuro.

(Sermão de Santo Antônio aos peixes, Parte VI)

## **Declaração**

A declaração tem como objetivo ilocutório fazer com que um dado estado de coisas do mundo coincida com o conteúdo proposicional do enunciado. O sucesso da declaração exige que a situação comunicativa seja institucionalmente adequada e que os participantes (incluindo testemunhas, padrinhos, etc.) sejam detentores de estatutos sociais e profissionais considerados indispensáveis à legitimação e validação do ato declarativo.

Ex.

«Perdoai-nos, Senhor, pelos merecimentos da Virgem Santíssima». (Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda)

## **O PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO DE PAUL GRICE**

*Logic and Conversation*, Paul Grice (1975) : quantidade, qualidade, relação e modo. Um conceito de grande pertinência operatória é o conceito de implicatura, proposto pelo autor. Grice divide as implicaturas em duas classes: as implicaturas convencionais e as implicaturas conversacionais. As primeiras representam custos moderados de processamento lógico (inferência), as segundas podem requerer um esforço considerável de processamento, sem garantia de obtenção da informação desejada, e podendo ser posteriormente canceladas, irresponsabilizando o interlocutor que a introduziu. Certas insinuações, com consequências positivas ou destrutivas, recorrem a esta forma de “notação invisível”.

## **Os DÊITICOS NA INTERAÇÃO COMUNICATIVA:**

são os elementos que funcionam como operadores dêiticos, enquanto marcas dos actantes da enunciação e respetivas coordenadas espaço-temporais, que permitem definir o estatuto de participantes num ato verbal –estatuto designado pelos dêiticos EU e TU / AQUI e AGORA.



## Tradução, pragmática e equivalência

Na última metade do século XX, as concepções linguísticas da tradução baseadas na equivalência foram questionadas pela perspectiva funcionalista da Linguística, compreendida de modo mais veemente como uma ciência contextualizada e histórica. Sob essa perspectiva, o funcionalismo linguístico privilegia as transformações contínuas da língua dentro de uma sociedade, a construção dos significados a partir dos diferentes usos e variações linguísticas, considerando-se as diferentes situações comunicativas. Surgiram, conseqüentemente, novas subáreas da Linguística baseadas nessa perspectiva, como, por exemplo, a Análise do Discurso, a Pragmática, a Sociolinguística Interacional e a Sociolinguística Variacionista.

Tomando-se a língua como elaboração social, é impossível conceber a existência de equivalentes linguísticos estritos. A sociolinguística variacionista (Labov:1972, 1982, 1994, 2001), como se sabe, considera a língua como fenômeno contextualizado socialmente, variando de acordo com os períodos históricos, a região, a classe social, a idade, o sexo, os graus de formalidade e de informalidade, já que a heterogeneidade linguística atesta a heterogeneidade sócio-cultural.

Segundo Meschonic (1972), ainda, só para citar uma das muitas vozes, o tema deve ser tratado no âmbito de uma discussão “langue-culture”, uma vez que a tradução é a estruturação de novas relações, de transformação e de trabalho com a língua.

Na lição de Charles Bally, podemos opor uma estilística interna a outra externa à língua (Bally, 1951: 2-10). A estilística interna daria conta daquela invariante que todo tradutor deve apreender para bem traduzir. A estilística externa, como bem definiram Vinay e Darbelnet (1958:32), refere-se, por exemplo, à predominância do verbo pronominal em francês, quando se compara esta língua com a inglesa. A estilística interna pode se comparar ao que Popovič chama de “configuração dinâmica” das peculiaridades estilísticas de uma obra (Popovič, 2010: 71); ou seja, o princípio e o modo de organização dos elementos que dão unidade ao estilo e ao próprio sentido global de um texto. Um bom exemplo dessa configuração dinâmica é o uso do diminutivo, por Eça de Queirós, na caracterização do personagem Libaninho de *O crime do padre Amaro* (1875). Embora o italiano possua diversas formas de diminutivo, nas traduções, via de regra, perde-se o aspecto modal que empresta um tom afetado ao personagem como neste trecho do romance:

## Eça de Queirós, *O crime do padre Amaro* (1875)

- Sobe, Libaninho, sobe, disse ela, que costurava à janela.

- Então o senhor pároco veio, hem? perguntou o Libaninho, mostrando à porta da sala de jantar o seu rosto gordinho cor de limão, a calva luzidia; e vindo para ela com o passinho miúdo, um gingar de quadris:

- Então que tal, que tal? tem bom feitio? [...] - Coitadinho! coitadinho! dizia o Libaninho, babando-se de ternura devota. -. Mas não se podia demorar, ia para a repartição! -. Adeus, filhinha, adeus! - E batia com a sua mão papuda no ombro da S. Joaneira. - Estás cada vez mais gordinha! Olha que rezei ontem a Salve-Rainha que tu me pediste, ingrata! [...] Adeus, filhinha, adeus!

- Adeus, Ruça! Estás magrinha: pega-te com a Senhora Mãe dos Homens. - E avistando Amélia pela porta do quarto entreaberta: - Ai, que estás mesmo uma flor, Melinha! Quem se salvava na tua graça bem eu sei.

E, apressado, saracoteando-se, com um pigarrinho agudo, desceu a escada rapidamente, ganindo:

- Adeusinho! Adeusinho, pequenas! (Queirós, 2000:193-194)

<p>Prampolini (1935)          Libaninho          viso grassoccio          nei suoi passetti:          - Poverino, poverino!          -Addio, figliola, addio!          -Ti trovo ogni volta più          grassottella!</p>	<p>Marchiori (1962)          Libaninho          volto grassoccio          con quei suoi piccoli passettini          - Poverino, poverino!          - Addio, figlia mia, addio!          - “Sei sempre più grassottella.          [...]”</p>	<p>Eriko (2011)          Libaninho          faccia color limone          a passi piccoli          «Che tenero, ...»          «Arrivederci, figliola! La trovo          sempre più cicciottella!</p>
--	---	---

## António Vieira: *Sermão de Santo António aos Peixes*

Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os Brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas; vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego?

### O gênero *Sermão*

*Sermão* vem do latim, *sermone*, e originariamente significava *conversação*. O significado do termo evoluiu para um discurso religioso, pregado geralmente no púlpito. Chama-se *prédica* porque se desenvolve a partir de um conceito predicável, ou seja, que é possível de ser pregado. Esse conceito predicável é um texto bíblico que o orador comenta de acordo com o tema e as teses que se propõe a desenvolver.

Objectivos programáticos da eloquência (*docere, delectare, movere*)

. A estrutura argumentativa do sermão: Interacção discursiva e força ilocutória:

Tipologia dos actos ilocutórios: assertivos; directivos; compromissivos; expressivos; declaratórios.

declarações assertivas)

## Bibliografia

- F. Indursky, «O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites», in *Discurso e textualidade*, São Paulo, Pontes, 2006, pp. 225-238;
- E. Orlandi, «Análise de discurso», in *Discurso e textualidade*, São Paulo, Pontes, 2006, pp. 13-31;
- F. Alves, «Unidades de tradução, o que são e como operá-las» in *Traduzir com autonomia, estratégias para o tradutor em formação*, São Paulo, Contexto, 2000, pp. 29-38;
- Salomão, Sonia Netto, «Aspetti dell'allocuzione portoghese nella traduzione letteraria verso l'italiano» In: *La linguistica contrastiva tra teoria, traduzione e didattica*, a cura di D. Puato, Sapienza Editrice, Roma, 2016, Vol. 54, p. 133-147
- C. A. M. Gouveia, «Pragmática», in AA.VV, *Introdução à linguística geral e portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1996, pp.383-419.
- Observação: Ver a bibliografia substitutiva na home page da docente, por conta da pandemia.